

ARCHIVO ARCHITECTURA CIVIL JORNAL

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS PORTUGUEZES

ARTE-SCIENCIA-HISTORIA

PHILOSOFIA DA ARTE
APRECIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DOS EDIFÍCIOS
PÚBLICOS E PARTICULARES
STEREOTOMIA
BIOGRAPHIA DOS ARCHITECTOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

HISTORIA MONUMENTAL
DECORAÇÃO PERTENCENTE A ARCHITECTURA
CONSTRUÇÕES URBANAS E RURAES
ARCHEOLOGIA
REVISTA ESTRANGEIRA SOBRE O PROGRESSO
DAS BELLAS ARTES

ACOMPANHADO DE ESTAMPAS

NO EDIFÍCIO GÓTHICO PARA ARCHEOLOGIA NACIONAL, NO LARGO DO CARMO

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

20, Travessa da Paroquial, 20

1865



ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

JORNAL

DOS

ARCHITECTOS PORTUGUEZES E ARCHEOLOGOS

SUMMARIO

Elogio historico dos srs. Joaquim da Cunha Lima Junior e Manoel José Carneiro, professores da Academia das Bellas Artes do Porto, por A. A. Teixeira de Vasconcellos. — **Archeologia**: Origem das estufas e descripção das que existem em Lisboa, por J. da S. — **Architectura**: Historia resumida da architectura (Continuação), por J. da C. Sequeira. **Faços dos estãos e da inquisição**, por I. de Vilhena Barbosa. — **Associação dos architectos**: — Synopse dos trabalhos da associação, por P. J. Ferreira da Costa. — **Boletim do trimestre**: Abril a Junho, 1866. —

ELOGIO HISTORICO

DOS SENHORES

JOAQUIM DA CUNHA LIMA JUNIOR e MANUEL JOSÉ CARNEIRO

PROFESSORES DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DO PORTO

RECITADO NA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES, NO DIA 22 DE JANEIRO DE 1866

POR

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

Não me mandas contar estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

(CÂMÕES, LUZIADAS, CANTO III, EST. III)

SENHORES: Generoso e útil costume é registrarem todas as academias e sociedades scientificas ou litterarias nos seus annaes o merecimento e prestimo dos homens estudiosos que as auxiliaram com trabalhos efficazes ou que lhes foram poderoso estimulo com o seu exemplo. Hoje porém que a attenção de muitos parece desviar-se, como diz um entendido escriptor francez, dos quadros para as machinas, dos poemas para a charrua e do marmore lavrado pelo cinzel para as obras de ferro fundido, é sem duvida muito mais proficua e mais nobre a tradição academica acertadamente adoptada n'esta ainda juvenil sociedade.

Conservem os homens de boa vontade o respeito, a veneração e o culto das bellas artes; congreguem-se em sociedades; reunam-se com assiduidade em palestras; ajuntem com disvello incessante as preciosidades artisticas que ainda não desapareceram do reino e convidem o publico a admirar-as; sollicitem o auxilio e cooperação de todos os portuguezes dedicados ás artes; abram e mantenham relações com as academias estrangeiras e promovam no reino o gosto e por elle o apreço dos primores de arte. A renascença ha de ser infallivel.

Tenho esperanza de que em breve, quando estiverem realisados e

completos os melhoramentos de que a industria tem auferido tamanhas vantagens, o espirito humano inquieto e insaciavel, tão cubicoso de commodidades materiaes quão avido de sensações profundas, não ficará extativo a completar os nossos aperfeiçoamentos. Voltará como tem voltado sempre a admirar os prodigios da architectura, as bellezas da sculptura, os encantos da poesia, da pintura e da musica e a procurar o conforto moral que d'ahi costuma receber. Refugiar-se-ha da aridez utilitaria nos altos pensamentos relevados pelas obras de arte e nas idéas sublimes que a architectura exprime grandiosamente.

Não é esperanza leviana com que o desejo proprio desvia a razão do caminho da verdade. É crença profunda na preponderancia infallivel do espirito sobre a materia e, pelo que principalmente respeita á architectura, é confiança nas lições da historia desde os tempos mais affastados até hoje. Á decadencia mais ou menos rapida succedeu sempre o renascimento da arte, umas vezes grandioso na idéa e na forma e em outras acanhado na manifestação, mas sempre vigoroso impulso de progresso.

Na sua origem mais remota e nos variadissimos serviços que presta ao homem, está assegurado para sempre o porvir da architectura. Nasceu da primeira necessidade humana, o abrigo individual mais accomodado ao trabalho do homem e ás circumstancias da região em que vivia, isto é, proveio da tenda, da gruta e da cabana.

D'ahi surgiu o templo, o muro, a casa, o palacio, a estrada, a ponte, o dique, o canal e o porto; a commodidade do homem, o culto de Deus, a segurança das pessoas e da propriedade e a facilidade das relações de commercio, além da defensão e guarda dos interesses das nações nos multiplicados inventos de architectura militar.

Póde degenerar pois o gosto architectonico e onde a arte grega fizera prodigios ao aceno de Sylla, de Mario e de Cesar, e a architectura romana chegára ao apogeo no seculo de Augusto, levantar-se por ordem de Septimio Severo o arco do Forum, signal evidente de lastimosa decadencia, ou o arco de Constantino ostentando em menoscabo da arte, o baixos relevos da columna de Trajano

Pôde faltar quem elevasse em Bysancio os monumentos que debalde imaginára a apparente grandeza do imperador, mas Justiniano achou ainda viva a tradição latina para edificar Santa Sophia e no proprio reinado do ostrogodo Theodorico já assoma aõ longe a aurora de grandes combinações architectonicas. De nova decadencia resurge a architectura pelo influxo vigoroso de Carlos Magno e vae oppondo a successivas causas de enfraquecimento modificações também successivas até á renascença iniciada por Brunelleschi em Florença, ao tratado de Alberti, digno successor de Vitruvio, e aos trabalhos de Serlio, de Palladio, de Miguel Angelo, de Vignole, de Raphael, de Primatice e de João Goujon.

São iguaes aos estranhos os exemplos de casa. Lançae os olhos á igreja matriz de Caminha, obra de Diogo Eannes, e á d'Almendra, peregrina amostra da renascença; notae depois os vestigios da arte florescente no que resta da antiga cathedral de Braga; vêde na do Porto o que ainda existe da mão primorosa de Valentim, discipulo de Miguel Angelo, e lembrae-vos dos trabalhos de Domingos Annes e de Pero Cerveira no tempo de Affonso IV; admiraie na Batalha a obra de Affonso Domingues e de Matheus Fernandes, preciosa imitação dos esplendores da cathedral de York; saudae em Thomar as esbeltas produções de Ayres do Quintal; examinae, se ainda existe, o claustro de Domingos Domingues, levantado em Alcobaça no reinado de D. Diniz; e venerae em Belem o que o engenho de Castilho e de tantos outros artistas portuguezes aperfeiçoou na obra planeada por Boutaca.

Não esqueçaeis também, senhores, a veneranda ruina onde nos congregamos, mas estudae-a antes na chronica de Sant'Anna do que nos muros que o mau gosto dos cenobitas manchou com desacerdos inexplicaveis. E depois olhae para Mafra, para o aqueducto das agoas livres, para a capital reedificada pelo marquez de Pombal, para a Ajuda, para o theatro do Rocio, para o convento da Pena e para os magnificos edificios erigidos á custa do commercio na segunda cidade do reino.

Em todos esses monumentos, e na igreja de S. Francisco do Porto, e na de Santa Cruz em Coimbra, e em tantos outros vereis a decadencia e o renascimento alternarem-se successivamente e a arte, por exorço dos naturaes ou por auxilio de estranhos tão abalisados como foram Huguet, Contucci, Boutaca, João de Ronan, Longuin, Uduarte, Nicolas, Ludovici, Fabri e Eschwege, vencer todos os obstaculos e sustentar dignamente o credito do reino a travez de transformações incessantes e algumas vezes felicissimas.

Em nenhuma outra parte o estylo gothico tomou o passo á renascença franceza com valor igual ao que ainda está revelando o mosteiro de Belem a cuja resurreição artistica vamos assistindo agora. Em nenhuma outra parte se alevantou brado mais inspirado pelo amor das bellas-artes do que em Portugal quando a ignorancia e o mau gosto investiram com a collegiada de Santa Maria de Oliveira em Guimarães e com outros donairosos vestigios da arte nacional.

Ha entre nós instincto artistico, mui natural nosso, desfavorecido de muitos, pouco estimado do vulgo, desviado ás vezes do bom caminho por exemplos estranhos, mas sempre vivo em alguns portuguezes para que de todo se não apague o fogo sagrado.

Mantenhamos pois, segundo é louvavel instituto nosso, as boas tradições artisticas, estranhas e naturaes, já que de casa nos sobejam incentivos para o estudo da architectura, e celebremos a constancia dos que até á hora derradeira foram n'esta religião da arte confesores da verdadeira fé e por ventura matyres de lastimosa indifferença.

Taes são os intentos da modesta mas perseverante sociedade a que temos a honra de pertencer, e por isso me cabe hoje commemorar n'esta solemne reunião os dotes e serviços de dous architectos portuguezes, fallecidos nos dous annos anteriores.

Não vos admireis, senhores, de que para tal encargo recaisse a escolha em mim que não professo as artes, que desde os primeiros annos me vi desviado d'ellas por outros cuidados e que ainda hoje sacrificio a variadas occupações o tempo que flogaria de empregar n'estes assumptos, contemplando com admiração o esforço continuado e a dedicação desinteressada de tantos compatriotas nossos.

Não fui designado por ser do officio. Devi esta honra aos sentimentos de fina cortesia e extremada delicadesa em que prima a nossa corporação.

Quiz a sociedade dos architectos civis portuguezes que a commemoração de dous architectos portuenses fosse obra de um natural do Porto, e o feliz acaso de ter nascido na cidade eterna obteve-me a distincção de fallar hoje n'esta assembléa como a vossa benevolencia já me franqueára as portas de tão auspiciosa sociedade. Aceitei o encargo superior ás minhas forças porque me pareceu que na homenagem tributada a dous filhos seus e em ser eu quem lhes celebrasse hoje a perseverança em nome dos architectos civis de Portugal, receberia a heroica cidade do Porto diversos testemunhos de consideração affectuosa. Minha ficará sendo unicamente a imperfeição do monumento singelo que vós quizestes erigir á memoria dos srs. Joaquim da Costa Lima Junior e Manuel José Carneiro, professores de architectura civil na academia portuense de bellas artes.

(Continúa.)

ARCHEOLOGIA

ORIGEM DAS ESTUFAS

E

DESCRIPÇÃO DAS QUE EXISTEM EM LISBOA

Todos os povos da terra, desde a mais remota antiguidade, possuiram bellos jardins vestidos com as flores mais odoríferas, e ornados com os arbustos mais raros.

Já o rei Salomão, descrevendo os seus magnificos jardins e parques dizia, *que eram tão abundantes os cedros em Jerusalem, como as figueiras bravas nos campos.*

Os bosques sagrados do Egypto apresentavam uma extraordinaria belleza, e augmentavam ainda mais o mysterio e veneração que causavam os seus templos.

Em Babylonia o rei Nabuchodonosor, para fazer esquecer á sua esposa os deliciosos bosques de Medea, lhe mandou construir os celebres jardins suspensos, para afugentar o aborrecimento de contemplar constantemente as monotonas planicies da sua patria adoptiva.

Obra igual fez Semiramis sobre um rochedo de extraordinaria altura em Chanon.

No oriente o gosto pela floricultura é geral entre os seus habitantes, tendo o primeiro logar os chins, tanto pela irregularidade a mais imprevisita, como pela exaggeração mais extravagante em ornar os seus jardins.

Os persas e arabes não poupavam cousa alguma para apresentarem n'esse genero o maior luxo, e reunirem as mais phantasticas combinações, a ponto tal de cubrirem os troncos das arvores com chapas de cobre doirado.

Os califas em Bagdad possuiram surprehendentes jardins, em que o esplendido e maravilhoso luxo satisfazião a sua exaltação oriental.

Os mouros na Hespanha tinham n'esse genero o que o gosto mais apurado e elegante pôde reunir á mais grandiosa magnificencia.

Quem visitou os jardins do serralho de Constantinopla, ficou de certo extasiado pela belleza, e até mesmo a poesia que elles apresentam; cuja contemplação deleitava essas sultanas captivas, que só ali podiam livremente gosar as bellezas da natureza e distrahir-se da escravidão em que viviam!

Não obstante os primitivos mexicanos derramarem o sangue humano a jorros sobre os altares, experimentavam tanto amor pelas mimosas flores, que consistia n'isso o principal adorno das magnificas residencias reaes de Montezuma.

No Perú era tal o valor que davam aos arbustos que não se contentavam com as arvores naturaes, havia outras todas de oiro que augmentavam a esplendida riqueza da vegetação.

Se investigarmos os costumes dos gregos, os jardins de Academo attestam o cuidado que em Athenas havia para possuirem esses recintos odoríficos, onde os philosophos se entretinham á sombra de lindas arvores e variados arbustos: devendo-se a Epicuro ter sido o primeiro que inventou o delicado goso na capital da Grecia, de a aformosear com campos cheios de arvores e flores.

Nos romanos chegou a posse dos jardins a ser uma verdadeira paixão, e se nem todos poderam igualar o poderoso Lucullo, podemos citar aquelles de Sallustio e Pompeu; não esquecendo os que Cicero possuia em vinte sitios differentes!

Os primeiros jardins publicos que houve em Roma, foram devidos á generosidade de Julio Cezar, para que o povo tomasse parte n'esse delicioso recreio.

Na era do renascimento das artes appareceram na Italia os mais vistosos e os mais adornados, tanto pela pompa architectonica, como pela deliciosa situação em que elles estavam collocados; e principalmente nas proximidades de Roma, em que admirando-se as magnificas perspectivas em que figuram as suas antigas ruínas, mais apreço se dá ás flores pelo contraste que offerece a sua brilhante e viçosa vegetação, com a solidão dos seus antigos monumentos.

Se Lenôtre ultrapassou os limites nos jardins francezes, traçados todos ao compasso e em linhas rectas, todavia o seu nome ficou celebre pelos embelezamentos do parque de Versailles: era homem proprio para contentar a faustosa e magnanima opulencia do rei, que havia tomado Phebo por divisa; porém as repetidas regularidades geometricas na disposição dos jardins que traçou, ficam um pouco desculpadas pelo grandioso que dava ás suas combinações, e a facilidade das suas concepções: de maneira tal que discrevendo a Luiz XIV o que queria fazer em Versailles, a cada disposição nova que descrevia, dizia-lhe o rei entusiasmado: dou-te mais 20:000 francos; á quarta vez replicou-lhe o jardineiro artista: *Não continuo, pois temo que vossa magestade fique pobre*; resposta esta que pinta bem a generosidade prodiga do soberano, e o merecimento real do desenhador jardineiro.

Os inglezes, sempre rivaes dos seus vizinhos, revoltavam-se contra o gosto com que o francez tinha delineado os parques de Greenwich e de Saint James; creando então Stow os novos jardins inglezes que Hent depois aperfeicou, em que as arvores, as flores, e arbustos, os lagos e a relva se combinavam com arte e gosto, dando uma maior riqueza e attractivo aos jardins delineados em contornos variados, com plantações dispostas em grupos, escolhendo variedade de tons e contraste de fôrmas, etc.; esta moda fez furor entre os amadores que possuiam quintas e parques.

Seja qual fôr o clima que habitemos, muito embora a natureza fosse prodiga com os seus dons, ha com tudo um empenho insaciavel que domina os homens, aquelle de não estarem contentes com o que possuem, de sempre desejarem o que é mais difficil de alcançar, e ao mesmo tempo imperando esta luta em que constantemente estão de conquistar á natureza os seus segredos, incita-os a desejarem possuir as flores, os arbustos e as fructas de outras regiões, em que estas produções têm os elementos proprios para vegetarem: portanto para satisfazerem a este imperioso desejo, foi preciso inventar as estufas, que alcançando uma adequada temperatura, recebendo concentrados os raios do sol, fizessem vegetar as plantas exóticas, como se estivessem nos climas para os quaes a natureza as havia creado.

Já no tempo dos romanos se conhecia a utilidade das estufas ás quaes chamavam *jardins de Adonis*, pois Juliano nos diz que em Roma havia ao abrigo do *telhado de vidro* o balsameiro da Judéa, a myrrha, a canella, etc., assim como Domiciano tinha *uma estufa* sobre o monte Palatino. Mas estas mimosas construcções desappareceram com os ultimos esplendores do imperio romano, e só no XVI seculo, na Belgica e Hollanda, novas estufas deram abrigo ás mais bellas plantas dos dois hemispherios.

Em Inglaterra, Noruega e na Suecia, a paixão pelos jardins e es-

tufas é geral. Na França o seu uso é muito mais moderno, pois que no reinado do mesmo Luiz XIV nunca poderam obter um ananás maduro para lhe offerecer; porém as que existem presentemente no jardim das plantas em Paris podem servir de modelo para a sua construcção. A mais vasta que se conhece é a do duque de Devonshire em Inglaterra, pois que uma carruagem puxada a seis cavallos póde passar nas ruas em que ella está dividida.

Mas aonde a riqueza d'estas construcções, a variedade e o sem numero de flores e arbustos chega até ao maravilhoso, é nas estufas pertencentes á familia do imperador da Russia.

Entre nós ha pouco que citar, pois como o clima favorece muito a vegetação, e o custo das estufas é avultado, não convida a que se vulgarisem esses abrigos faustosos. As estufas lateraes da quinta das Larangeiras do excellentissimo conde de Farrobo, custaram 28:000\$000 reis; a cupula elliptica d'aquella que occupa o centro, obra feita em Londres, importou em 7:000\$000 reis; a que ha no Lumiar na quinta do excellentissimo duque de Palmella custou 9:000\$000 reis; a mais elegante e a maior que orna o real jardim das Necessidades, só na cupula espherica se despenderam 5:000\$000 reis, feita por um artista portuguez. O ferro empregado unicamente nas estufas não é conveniente para a saude das plantas, pois aquecendo e arrefecendo mais rapidamente do que a madeira condensa mais facilmente o vapor dentro da estufa, e os pingos de agua que d'esta mudança de temperatura resultam, prejudicam consideravelmente as folhas dos arbustos.

Ha outro grave inconveniente em ser envidraçada com vidros de côres, pois sendo elles de differente refrangibilidade receberão as folhas os raios do sol em diverso grau, de maneira que a mesma folha apparece queimada em partes; portanto não deve ser tanto a apparencia agradavel de uma estufa que se deve ter em vista, mas sim a maior utilidade que possa resultar para favorecer o desenvolvimento das plantas, e tambem para se gosar o prazer de se obter no nosso clima, as variedades exóticas na mais viçosa vegetação; assim como para não ficarem infructiferas as sommas despendidas, se não attender aos preceitos que a sciencia indica n'essas construcções, para termos bellos modelos, e animar por esta fôrma no nosso paiz as produções raras e agradaveis, que são de tanto interesse para o estudo da botanica e de recreação para os amadores

J. da S.

ARCHITECTURA

Historia resumida da architectura

Continuado do n.º 4

Todas estas descobertas e investigações coincidiram com o projecto verdadeiramente grande e sumptuoso da reedificação da basilica de S. Pedro do Vaticano, no qual os Bramantes, os Peruzios, os Sangallos, os Migueis Angelos e os Vinholas, etc., desenvolveram e pozeram em pratica toda a prodigiosa força e formidavel audacia do seu genio, conseguindo, não sómente igualar, mas exceder milagrosamente as mais decantadas maravilhas da antiguidade, com a construcção d'essa immensa e sumptuosissima fabrica!... O exemplo de tão grandes mestres excitou a geral emulação, e o seu feliz succedimento constituiu autoridade e dictou a lei!

O seculo de Cosme de Medicis e de Leão X, brilhou tanto, como o de Alexandre e de Augusto... A soberba Roma, fez reviver o seu antigo genio e esplendor, que jazeram sepultados por muito tempo debaixo das ruínas dos grandes edificios, e sacudindo o pó amontoado pelos seculos, descobriu de novo a sua fronte magestosa e radiante, decretando um codigo de architectura para toda a Italia e para grande parte da Europa, equivalente ao que já tinha decretado e outhorgado para reger e fazer prosperar as outras artes liberaes. Esta abençoada região, bem depressa se viu povoada de artistas distinctos em todos os generos, como em outro tempo de aguerri-dos heroes, sem carecer ou dispôr para isso dos thesouros do Mexico e da India!

A verdade tornou-se veloz e preponderante, apezar dos precon-

ceitos e dos obstaculos com que luctára e lhe cumprio destruir. Tão portentoso e predominante é o imperio, que a razão e a verdadeira belleza têm sobre os nossos sentidos! A classica architectura floresceu bem depressa em França, fazendo sobresahir e brilhar o reinado de Luiz XIV. Erigiu varios monumentos magnificos na Hespanha, vingou-se na Germania, dos impios desacatos que lhe tinham feito, chegando a dilatar o seu predominio até S. Petersburgo, transformando os pantanos, as lagoas insalubres e pestilentas, as bravias e emaranhadas florestas em grandiosos, vastos, e utilissimos edificios; adornou a Suecia, a Dinamarca, a Hollanda, e fixou o seu imperio na Grã-Bretanha, emparelhando em toda a parte com philosophia, com a opulencia e a gloria. A maneira do mar que se decrece e se afasta de uma praia, augmenta e se dilata em outra, obteve em o norte muito mais do que perdêra na Asia, no Egypto e na Grecia, aonde pereceram e se anniquilaram ha tantos annos as artes liberaes e as sciencias, sem apparencia ou esperanza remota de que possam jamais resuscitar!...

As sciencias e as artes uteis andam sempre em perpetuo giro pelo mundo: enraizam e prosperam mais ou menos n'uma ou n'outra parte, conforme a oppressão, o arbitrio e a tyrannia com que ás vezes são tratadas por seus malevolos inimigos e despeitados emulos, revestidos de preponderante e despotica autoridade... Tal foi a sorte e as phases por que passaram no tempo dos romanos, e o mesmo se verifica hoje em alguns paizes, quando os seus governos curam pouco das bellas-arts, considerando-as injustamente como objectos secundarios, ou de mero luxo, despresando-as e votando ao esquecimento os seus desvellados cultores!

Não obstante a rastauração maravilhosa da bella architectura, foram precisos dois seculos de tentativas trabalhosas e de reiterados esforços para que se podesse restituir áquelle grau de perfeição e magnificencia com que se ostentou no imperio de Augusto. Cumpre, porém, que os modernos lhe façam agora, o que conviria ter-se affectuado no tempo de Vitruvio; devem-n'a, pois, regenerar completamente e expurgar dos defeitos que a prejudicavam, levando-a, se tanto fôr possível, a uma consummada perfeição... E poderão os nossos artistas contemporaneos conseguir tanto? Temos bem fundadas esperanças que assim o deixam antever e prognosticar, não obstante o clamor dos homens judiciosos e imparciaes, contra as praticas absurdas e egoisticas seguidas por alguns jactanciosos artistas existentes em alguns paizes, que mais concorrem para a decadencia, do que para a consideração e o augmento das bellas-arts, que elles dizem prezar e cultivar! (1)

É problema de quasi impraticavel solução o averiguar se ha maior distancia a precorrer desde a absoluta ignorancia de uma arte, até á sua descoberta, se d'esta até á completa perfeição que a mesma arte pode atingir... As descobertas são quasi sempre o simples effeito, e o feliz resultado do acaso, attendido e aproveitado por algum individuo dotado de talento prescrutador e perspicaz: o ultimo ponto de aperfeiçoamento a que póde chegar uma arte difficilissima, não se chega a conseguir muitas vezes. Os melhoramentos e os verdadeiros progressos dependem de mil circumstancias propicias e improbos esforços, devidos aos reiterados trabalhos e locubrações de alguns genios abalisados e sublimes que por felicidade succedam aos inventores, achando-se habilitados para estimarem e considerarem a invenção pelo que realmente vale, não se deixando indispor nem escandalisar com o talento e o merito alheio, antes contribuindo de bom grado para realçarem as suas produções, aperfeiçoando-as, sem

(1) Nos paizes grandes, ricos e bem governados, aonde a architectura se cultiva e exerce em grande escala, tem-se ella elevado a um estado de aperfeiçoamento e de sumptuosidade que pouco deixa a desejar! Nem os antigos a fizeram subir a um tão elevado grau de perfeição, de utilidade e esplendor!... Entre nós, porém, podem dizer-se passadas e extintas as boas épocas em que floresceu esta utilissima arte. O nosso actual estado de inquietação e divergencia, as multiplicadas convulsões e vicissitudes politicas que nos têm dividido e atormentado ha perto de quarenta annos, e das quaes se originaram, por necessaria consequencia, uma tal ou qual decadencia e falta de gosto, não permitem que os estremados cultores e amadores da architectura possam nutrir a lisongeira esperanza de a verem regenerar e prosperar tão cedo!...

contudo se deixarem fascinar por uma supersticiosa admiração, unico modo de poderem vêr as cousas melhor, e muito mais claras e distinctas do que as tinham visto os antecessores... Predicados são estes muito difficeis, e até raros de encontrar e reunir, como entre nós mesmos temos mil occasiões de perceber e comprovar?

O Egypto e a China fazem-nos com effeito acreditar que os aperfeiçoamentos estão a maior distancia das invenções, do que estas da absoluta ignorancia... Observe-se cautelosamente o que tem acontecido a respeito de todas as sciencias e artes, começando-se pela agricultura, e conhecer-se-ha com evidencia a grande força d'este axioma. A architectura não podia deixar de passar pelos mesmos tramites, e de partilhar a sorte das suas perdilectas irmãs.

No decurso do presente seculo tem-se effectuado um aperfeiçoamento portentoso e transcendente em as nossas idéas e inventos, sendo indubitavel que assás tem progredido na Europa a sã philosophia, que essencialmente consiste na applicação da verdade e da boa razão a todos os objectos de reconhecida utilidade e importancia. D'aqui vem chamar-se por excellencia *seculo de luminosa philosophia* aquelle em que vivemos; porém a duração que poderá ter este periodo não é facil de calcular. A idade de ouro da architectura, das bellas artes, e das sciencias em geral, durou na Grecia para mais de mil annos... Áquelle tão decantado e glorioso periodo succedeu depois o infausto e obscuro que já conta para mais de trescentos, e que se não sabe ainda por quanto tempo poderá continuar. Em muitas partes da Asia, da Africa, da America e em varias regiões da mesma Europa, nunca a architectura chegou a contar uma época de esplendor. A ignorancia, o atrasamento, e a barbaridade chegam a ter muitas vezes uma existencia robusta, assás duradoura e indefinida, disputando infelizmente e repartindo entre si grande parte do dominio universal para tudo impecerem e anniquillarem! Na Europa ha tambem pouco mais de trescentos annos que se restabeleceram as sciencias e as boas-arts.

Os objectos moraes, assim como os physicos são condemnados a longas enfermidades, a profundas e quasi mortíferas somnolencias e funestas decepções, males estes que apesar de violentos e angustiosos, produzem ás vezes milagrosas revoluções, e salutare metamorphozes nos corpos enfermos; renovando e expurgando os corruptos humores que os tinham enfezado e enfraquecido. As invasões da Europa pelos barbaros do norte foram cataclismos para os povos escravizados, fazendo-os gemer por seculos sob o jugo de um tyrannico captivo, mas após este prejudicialissimo e prolongado martyrio, depois dos padecimentos de uma tão longa enfermidade que parecia mortifera, appareceram as artes e as sciencias, fizeram-se vigorosas e robustas, a ponto de tornarem o presente seculo o mais resplandecente, o mais humano e illustrado! Depois do predominio d'aquella feroz barbaridade, escravizadora da melhor e maior parte do globo, têm-se tornado cada vez mais maravilhosos e prolificos os resultados da civilisação e do bem entendido progresso, e, graças á poderosissima efficacia, e á salutar influencia da imprensa, das artes do desenho, da gravura do espirito da associação e comunidade, vão-se fazendo sentir cada vez mais uteis e proveitosas para a especie humana estas maravilhosas transformações.

Nos paizes cultos do continente europeu tudo caminha n'uma espartosa progressão ascendente, aperfeiçoando-se e succedendo-se com tanta rapidez os maravilhosos inventos, e as descobertas de alta monta que parece haverem tocado o zenith da perfeição... O nosso charo paiz não deixará tambem de participar, mais tarde ou mais cedo d'esta salutar communhão de gloria, de utilidade, e de esplendor; a passos vagarosos irá caminhando até partilhar da mesma civilisação.

Um dia virá em que a cega ignorancia, a presumçosa vaidade, e o insaciavel egoismo deixem de usurpar as honras devidas ao merito e á virtude:... então, e só então poderá sobresair e brilhar o verdadeiro merito, e caminhar ovantes e desafrontados os artistas modestos e conscienciosos!

(Continúa)

J. DA C. SEQUEIRA.

ERRATA IMPORTANTE

Jornal n.º 4, col. 54. Depois do § 6.º que termina pelas palavras — regiões do norte — deve buscar-se o § 12.º, o que começa pelas palavras — Foi n'esta época — e o § 13, que se acham transpostos, continuando depois o § 7.º e seguintes.

PAÇOS DOS ESTÁOS E DA INQUISIÇÃO

I

Quando el-rei D. Affonso Henriques, por um ousado cometimento e heroico esforço, arrancou do poder dos moiros e fez christã a torreada Lisboa, correndo o anno de 1147, era então Coimbra sede da côrte e cabeça da nascente monarchia.

Não obstante a grandeza e formosura do porto em que se espelhava a cidade conquistada, e apesar dos brasões da sua antiguidade e nobresa, o seu novo senhor não trocou por ella a sua amena estancia das margens do Mondego. Não deixava, porém, de a visitar de vez em quando, e n'essas occasiões pousava sempre em umas casas proximas da que fôra mesquita e por elle mandada purificar e converter em sé episcopal (1).

Os tres reis seus successores (D. Sancho I, D. Affonso II, e D. Sancho II) seguiram o mesmo exemplo, conservando a sua côrte em Coimbra e contentando-se, quando vinham a Lisboa, com a modesta pousada do fundador da monarchia. Succedendo porém no throno ao infeliz D. Sancho II, seu irmão, o conde de Bolonha, que reinou em Portugal com o nome de D. Affonso III, este soberano, certamente por ter contrahido nos estados da condessa sua esposa habitos de menor simplicidade e de maior fausto, que os dois seus predecessores, desdenhou accommodar-se na humilde casa que em Lisboa lhes tinha servido de paços reaes, e fundou junto ao castello para o lado do sul, um palacio para a sua residencia. Foi denominado *paços de S. Bartholomeu* por ficar contiguo á egreja parochial d'esta invocação, que lhe servia de capella real, tendo um passadiço que dava communicação para uma tribuna da capella mór.

El-rei D. Diniz, filho e successor de D. Affonso III, achou aca-nhada a habitação de seu pae, e resolveu edificar outra que em tudo fosse mais condigna da realza. Tal foi a origem dos *paços da Alcaçova*, assim chamados por se erguerem dentro do castello, a par da cidadella moirisca.

Todavia, apesar da fundação d'estes dois palacios, e ainda de mais alguns edificados n'esta mesma cidade pelos successores de D. Diniz, sómente no seculo XVII, com a elevação da dynastia de Bragança ao throno, é que principiou a ser assento permanente da côrte. Até então os nossos monarchas mudavam a miudo de residencia, passando o anno em diversas terras, e segundo a estação, ou os divertimentos que appeteciam, e tambem conforme o conselho dos medicos em relação ao estado da saúde publica.

Coimbra, Lisboa, Torres Vedras, Santarem, Leiria, Estremoz Evora, Setubal, Almeirim e mais outras cidades e villas desfructavam alternadamente as prerogativas de côrte.

Não se pense, porém, que semelhantes honras eram muito desejadas e applaudidas dos povos. O que n'ellas havia de lisongeiro, e de alguns poucos proventos que deixavam ás terras, não era compensação bastante para os pezadissimos encargos que as acompanhavam.

O primeiro gravame que traziam ás povoações, e que se fazia sentir ainda antes da chegada da familia real, era a subita carestia das subsistencias.

Em tão más condições se achava o commercio interno, pela diffi-

(1) Segundo mui rasoaveis supposições aquellas casas occupavam o logar onde agora vemos o edificio das antigas *mercearias* de D. Affonso IV, e da rainha D. Beatriz, sua mulher, entre a sé e o edificio da cadeia do Limoeiro.

culdade dos transportes e por mil outras peias que o embarçavam, que a entrada da côrte, não sendo nas terras principaes do reino, equivalia á invasão de um exercito inimigo pelo que dizia respeito a alimentos. Os depositos de viveres da localidade e suas visinhanças esgotavam-se rapidamente, e os que de novo acudiam ao abastecimento do mercado mal chegavam para satisfazer as mais urgentes necessidades dos consumidores.

Quem calcular pelo que hoje vemos o movimento de população, que essas mudanças da côrte traziam consigo, engana-se completamente. Agora apenas acompanham os soberanos nas suas viagens no reino as pessoas propriamente da sua familia que se acham de serviço, a qual na actualidade está muito reduzida, e além d'isso muito poucos individuos, por parte do governo, emquanto que outrora o rei era percedido e seguido de todos os officiaes-móres e menores da casa real, das diversas repartições da mesma com todo o seu pessoal, de numerosissima cohorte de moços fidalgos, de pagens, de immensa criadagem para muita diversidade de serviços e com diferentes titulos, de muitos ministros, auctoridades, e diversas cathogorias de empregados na governança do estado, e até, não poucas vezes, dos tribunaes de justiça.

D'esta arte quando se annunciava a mudança da côrte para tal terra era o mesmo que dizer: a população d'essa terra vae ser augmentada, de um dia para o outro, com seiscentas a oitocentas pessoas, que consumirão em um mez as subsistencias que ali havia em todos aquelles arredores, para o consumo regular de um anno.

E, comtudo, n'essas occasiões ainda accrescia a este vexame outro maior, ou soffrido com menos resignação pelo povo. Era o das aposentadorias, isto é a obrigação dos habitantes prestarem as suas casas para hospedagem das pessoas da côrte, que não tinham quartos paços de el-rei.

Para que melhor se ajuize da oppressão que isto deveria causar, diremos que n'esses tempos todos os paços reaes eram pequenos, e por conseguinte sómente n'elles viviam além das pessoas reaes os creados absolutamente indispensaveis, não ao fausto da realza, mas sim ao serviço particular de cada um dos membros da familia real.

Logo que o soberano resolvía transferir a sua residencia para outra terra, partia um dia antes o aposentador-mór, para designar as casas particulares onde se havia de alojar a comitiva real. E se el-rei não tinha n'essa terra paços proprios, tambem o aposentador-mór escolhia e preparava a casa que lhe parecia mais digna da honra de receber o monarcha.

Aos principes estrangeiros, que visitavam o nosso paiz, destinava-se-lhes pousada em algum convento; porém aos embaixadores e sua comitiva tambem o aposentador-mór designava hospedagem em casa dos cidadãos.

Bem se poderá julgar quão insupportavel se tornaria um tal uso, ou melhor diremos, abuso. E tanto o era, que quando os tres estados do reino se reuniam em côrtes, embora fossem convocados para tratarem de determinadas questões, raras vezes deixavam de ser apresentadas queixas a esse respeito por parte dos procuradores de alguma das cidades ou villas, que costumavam ser victimas de semelhantes vexações.

Debalde se repetiram as queixas por longos annos sem que os poderes publicos as attendessem, até que enfim um principe illustrado, generoso e amigo do povo, resolveu, senão remediar o mal geral, pelo menos minoral-o, libertando de taes agravos os moradores de Lisboa.

Foi o infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho do grande rei D. João I, esse principe magnanimo de quem fallamos. Chamado a empunhar as redeas do governo, como regente do reino, pouco depois da prematura morte de seu virtuoso e infeliz irmão, el-rei D. Duarte, e durante a menoridade de seu sobrinho, el-rei D. Affonso V, o infante D. Pedro foi não só para Portugal, mas tambem para toda a Europa um modelo de principes na difficil arte de governar os homens.

Entre os seus actos que mais lhe attrahiram a gratidão e sympathias publicas, conta-se a fundação de um palacio em Lisboa des-

tinado exclusivamente para habitação dos embaixadores estrangeiros e das pessoas da corte, que não tivessem quarto nos paços do soberano, nem casa sua na cidade.

Pertenceu ao infante D. Pedro a idéa inicial d'este grande melhoramento publico, e seus foram os primeiros esforços que se empregaram para vencer certas repugnancias e difficuldades, que se levantaram relativamente ao terreno em que se havia de erigir o edificio, e por este motivo lhe deu o povo, e consignou a historia, o titulo de fundador dos paços dos Estãos. Succedendo, porém, a desgraçada batalha da Alfarrobeira, na qual o infante foi morto miseravelmente, varado de uma setta, no dia 20 de maio de 1449, coube a seu sobrinho el-rei D. Affonso V, já no exercicio da auctoridade real, ordenar a fundação por alvará de 13 de outubro do mesmo anno, e dar principio á obra na praça do Rocio.

O referido alvará chama *Estãos* ao projectado edificio. Esta palavra significava n'aquella era *hospedaria*, e derivava-se do antigo vocabulo portuguez *hostáo*, que designava casa de hospedagem ou aposentadoria publica.

Alguns escriptores nacionaes apresentam outras differentes opiniões ácerca da etymologia d'aquelle nome. Todavia temos por verdadeira a que referimos, pois que se conforma perfeitamente não só com a letra, mas tambem com o sentido do mencionado alvará.

II

A praça do Rocio tinha n'aquella época a mesma situação, e com pequenas differenças, a mesma grandeza que hoje tem a praça de D. Pedro. Consistiam estas differenças em que a area da praça, que ao presente é muito regular, era bastantemente irregular n'aquelle tempo, ora alargando-se, ora estreitando-se. Nos edificios que a cercavam via-se igual irregularidade, não só na altura d'elles e na sua architectura, mas tambem na falta de alinhamento.

O lado de Este era guarnecido pelo convento de S. Domingos, pelo muro da sua cerca e por varias barracas, que mais tarde, ainda n'esse mesmo seculo, desapareceram para deixar logar ao edificio do *hospital de Todos os Santos*, que ali fundou el-rei D. João II. O lado do Sul era formado por diversas moradas de casas, entre as quaes vinham desembocar na praça varias ruas estreitas e tortuosas, que principiavam nas portas da cerca da cidade, que davam saída para as praias do Tejo. Pelo lado do Oeste corria uma longa fileira de predios; uns mais recolhidos, outros resaltando para fóra, de modo que era este o lado mais irregular da praça. Aqui tinham começo umas calçadas e escadinhas, que conduziam para os adros das egrejas do Carmo e da Trindade, e para as portas da cidade da mesma parte de Oeste. Finalmente no lado do Norte não havia mais edificios, que os *paços do conde de Ourem*. (1)

Este edificio não occupava todo o lado do norte da praça, mas unicamente a metade d'esse espaço que se estendia para Este. Foi pois na outra metade que se construíram os *paços dos Estãos*, não no mesmo alinhamento dos do conde d'Ourem, mas saindo muito fóra d'elle, de maneira que as duas fachadas voltadas ao Sul e Este deitavam para a praça do Rocio.

A frontaria do lado de Oeste caía sobre um terreiro pouco espaçoso limitado d'esse mesmo lado pela ingreme encosta do monte, onde os jesuitas, no seculo seguinte, erigiram a sua casa professa de S. Roque. Emfim a frontaria do Norte olhava para outro terreiro ainda mais acanhado, porque o estreitava a muralha da cidade, que fôra obra d'el-rei D. Fernando, a qual, partindo do castello e descendo ao valle do Rocio, subia d'aqui pelo dorso d'aquelle monte, d'onde novamente descia até á margem do Tejo, e depois de abraçar toda a parte da cidade, que se espalhava no rio, tornava a trepar pelo monte do castello até se unir ás muralhas d'esta fortaleza.

(1) Era o conde de Ourem filho primogenito de D. Affonso, conde de Barcellos, e primeiro duque de Bragança, filho natural d'el-rei D. João I. Tinha o mesmo nome de seu pae, e morreu solteiro em vida d'este, tendo então o titulo de marquez de Valença. Deixou um filho bastardo, do qual procedem o condes de Vimioso e marquezes de Valença.

No angulo do Rocio formado pelos dois palacios, do conde de Ourem e dos Estãos, começava uma rua estreita, que, separando-os e torcendo para Este, por detraz do primeiro, terminava junto das portas da cidade, denominadas de *Santo Antão*, cujo nome ainda se conserva na propria rua em que existiram as ditas portas, e que ao presente se chama *rua das Portas de Santo Antão*. Esta rua entra agora na praça de D. Pedro pela parte de Este do theatro de D. Maria II, e n'aquelle tempo entrava no Rocio pela mesma parte de Este dos paços do conde de Ourem.

Pois que habilitámos os nossos leitores a fazer uma idéa da situação dos paços dos Estãos, ministrar-lhes-hemos alguns esclarecimentos para que possam ajuisar da architectura, ou antes da fórma geral do edificio.

Das quatro fachadas do palacio apenas tinham regularidade as duas que deitavam para o Rocio. Compunha-se a que olhava para o Sul de um corpo central flanqueado por dois pavilhões mais elevados, e resaltando um pouco para fóra.

O corpo central tinha dois pavimentos; no alto, ou nobre abriam-se cinco janellas, e no terreo um grande portal com duas janellas de cada lado. Em cada um dos pavilhões havia tres pavimentos; o terreo muito baixo e sem janellas; o nobre com duas janellas, pouco inferior ao do corpo central; e o terceiro superior a este tambem com duas janellas. O telhado dos pavilhões tinha a fórma pyramidal.

A fachada de Este differia d'aquella em se elevar o corpo central a toda a altura dos dois pavilhões, que a rematavam, e em ter menor numero de janellas apesar dos seus tres pavimentos geraes.

Quanto a ornamentação architectonica não podia ser maior a sua singelesa, e era tal qual a pediam os costumes singelos d'aquelles tempos em que a architectura sómente empregava as suas galas nas egrejas.

(Continúa.)

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES

Synopse dos trabalhos da associação, lida na sessão da assembléa geral, do terceiro trimestre, celebrada em 9 de outubro de 1864, e apresentada pelo segundo secretario da mesa da mesma assembléa geral, Paulo José Ferreira da Costa.

É esta a terceira vez que aqui nos reunimos em assembléa geral de trimestre, e qual não deve ser o nosso jubilo e esperança, ao vermos como de dia para dia se vae tornando mais forte e crescente a nossa associação, e como vão sendo bem acolhidos nossos trabalhos e fadigas.

Á augusta protecção de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, e de Sua Magestade o Senhor D. Fernando II, aos esforços do nosso digno e incansavel presidente, ao saber e distincção de tantos cavalleiros, que nos coadjuvam e acompanham, e finalmente sendo auxiliada com o esclarecido apoio do governo, deve a nossa sociedade, como vereis do extracto das sessões d'estes ultimos tres mezes, o incremento que tem tido.

Na sessão de 18 de julho de 1864, primeira que teve logar depois da leitura do antecedente relatorio, participou o ill.^{mo} sr. presidente, que tinha tido occasião de fallar com o ex.^{mo} sr. ministro do reino, e este lhe promettera que passava a assignar a portaria concedendo á nossa sociedade a posse das ruínas do antigo edificio do Carmo, para o destino que se lhe pertende dar.—Participou tambem que tinham sido entregues ao governo e á camara municipal, as representações da associação relativas a pôr-se a concurso, tanto o projecto para a reedificação dos paços do concelho, como pedindo o mesmo para as outras edificações novas, que o governo houvesse de mandar fazer, e que as ditas representações se haviam publicado na *Gazeta de Portugal*.

Por esta occasião leu-se um officio do ministerio das obras pu-

blicas, participando que se tinham expedido as convenientes ordens, em circulares dirigidas aos directores de obras publicas no continente do reino, para remetterem as amostras de materiaes de construcção, na conformidade da proposta approvada pela associação, para que se solicitasse do referido ministerio aquella authorisação,

Foram apresentadas por varios socios tres propostas, para admisión de novos socios: os srs. Manoel Maria Pinheiro Bordallo, Angelino da Cruz Silva e Castro, Joaquim Antonio Marques, Joaquim da Costa Cascaes e Guilherme Cossoul.

O sr. presidente mandou fazer a leitura de uma carta pertencente ao architecto correspondente da academia imperial de S. Petersburg, Mr. R. Rousmine, em resposta á que lhe foi dirigida pelo mesmo sr. presidente, pedindo que se estabelecesse mutua correspondencia entre as associações dos architectos dos dois paizes; n'ella declarava o dito sr. Rousmine, que não existindo em S. Petersburg associação de architectos propriamente dita, mas só a academia imperial das bellas-artistas, centro de grande actividade artistica, tinha feito constar á mesma academia os desejos que haviamos manifestado, os quaes tinham sido muito bem acolhidos, prestando-se de bom grado a academia imperial a manter reciproca correspondencia com a nossa associação, e offerecendo-se o referido architecto para ser o interprete e o mediano para se alcançar este vantajoso resultado.

Foi ouvida com agrado a mencionada leitura, da qual se fez honrosa menção na acta.

Na seguinte sessão de 21 de julho de 1864, teve o sr. presidente a satisfação de declarar, que em companhia do administrador do Bairro-Alto, tinha tomado posse das ruínas do edificio do Carmo, comprehendendo unicamente as tres naves, e convidou o secretario para ler a cópia da portaria do ministerio do reino, transcripta no auto da posse, pela qual Sua Magestade foi servido conceder á associação esta parte do edificio, declarando os motivos porque a capella-mór e o cruzeiro ficam ainda pertencendo ao corpo da guarda municipal, sendo obrigada a nossa associação a mandar pôr um tapume de madeira, para dividir e separar a porção que nos fica pertencendo.

Não tendo a associação os meios precisos para mandar proceder ás necessarias obras, fallára com o ex.^{mo} ministro das obras publicas, representando-lhe a impossibilidade de não satisfazerem aquella condição, pedindo-lhe que se mandassem fazer por conta do estado, obtendo a promessa do referido ministro, de que se faria isso, mas que a associação devia dirigir ao competente ministerio uma representação para esse fim. N'essa conformidade incumbiu-se o 1.^o secretario de a redigir. Igualmente se lhe encarregou a redacção de outra representação, que deve ser dirigida á ex.^{ma} camara municipal, pedindo-se-lhe em nome da associação, que mande desenterrar a entrada do edificio, fazendo descobrir os envasamentos das columnellas que guarnecem o antigo portico, o qual se acha obstruido e disformemente deturpado, etc. etc.

Deu tambem parte o mesmo sr. presidente, de se haver ajustado um individuo para o serviço de continuo e recebedor da sociedade.

O nosso digno socio o ill.^{mo} sr. José Xavier Silveira da Motta, offereceu á sociedade uma obra de architectura, de um author antigo, em dois volumes, escripta em hespanhol. Esta offerta foi recebida com especial agrado pela associação, decidindo-se que d'ella se fizesse honrosa menção na acta.

(Continua.)

PAULO JOSÉ FERREIRA DA COSTA
2.^o secretario da associação.

BOLETIM DO TRIMESTRE

(ABRIL A JULHO, 1866)

A ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES, tomou ultimamente uma deliberação, que deverá ser de summa vantagem para o estudo de architectura do nosso paiz, pois que tendo approvado a proposta apresentada pelo socio architecto J. P. N. da Silva, para que se nomeasse uma comissão afim de fazer a

devida apreciação sobre os diversos edificios construidos em Portugal desde o xii seculo até ao xviii, por architectos nacionaes e estrangeiros, n'esta conformidade foi eleita a comissão composta de tres membros, os socios srs.: Abbade Castro e Sousa, conselheiro João Maria Feijó e J. Possidonio N. da Silva, a qual dirigiu depois a circular abaixo transcripta, pedindo aos outros socios a sua escla-recida coadjuvação para este importantissimo trabalho. A circular é do theor seguinte:

Associação dos Architectos Civis Portuguezes. — CIRCULAR. —

A comissão nomeada em sessão de 22 de fevereiro em virtude de proposta do sr. presidente relativa aos meios de se tirarem as maiores vantagens para a arte, de uma relação de 38 architectos e suas obras mais notaveis executadas em Portugal, a qual foi apresentada pelo socio o sr. Abbade de Castro, e publicada no 3.^o numero do jornal da associação, deliberou dirigir-se a todos os srs. socios architectos e amadores rogando-lhes mui encarecidamente que, a bem da apreciação e progressos da *nossa architectura*, se sirvam occupar-se da analyse de algum ou alguns dos referidos edificios, principalmente sobre os seguintes pontos:

- Classe e cathegoria do edificio?
- Character que apresenta mais ou menos bem expresso, e se está adequado ao fim a que era destinado?
- Estylo adoptado na sua decoração?
- Se em diferentes partes se manifestam diversos estylos empregados na mesma, ou em epochas distantes, analysar cada uma d'essas partes, e comparal-as entre si?
- Examinar se por ventura nas diversas partes se dão as convenientes relações de grandeza, se as molduras e outros detalhes foram bem escolhidos e apropriados, e se ha perfis notaveis pela sua belleza ou defeitos?
- Se houver restaurações em que época tiveram logar e como foram levadas a effeito, tanto no que diz respeito á decoração como á construcção?
- Se visto de diferentes pontos de facil accesso apresenta boas ou más perspectivas, e as causas a que isso é principalmente devido?
- Se a decoração interior é adequada ao uso e importancia do edificio, se foi bem executada, e se está nas convenientes relações com a decoração exterior?
- Orientação da planta. Sua distribuição, e suas relações com o terreno?
- Modo de construcção adoptado, proveniencia e escolha dos materiaes empregados, e se uma e outra coisa foi feita judiciosamente?
- Diferenças mais notaveis entre a architectura dos edificios que considerarem e a de outros construidos na mesma época em Portugal?
- Qual era o genero de architectura dominante na Europa na época em que o edificio, ou as suas diferentes partes, foram construidos?

Chamando principalmente a attenção sobre estes pontos, teve a comissão em vista esclarecel-os melhor, fazendo convergir sobre elles os estudos artisticos, mas não pretendeu por maneira alguma excluir outros quaesquer pontos que se recommendem por circunstancias especiaes a algum dos srs. socios, e cuja analyse a comissão se honrará muito levando-a ao conhecimento da associação.

A comissão espera tambem de V. o favor de declarar, dentro do prazo de 30 dias contados da presente data, qual dos edificios delineados pelos mencionados architectos se propõe o digno socio apreciar no ponto de vista artistico.

Sala da associação no edificio gothico do largo do Carmo em 10 de março de 1866. — Abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa; João Maria Feijó; Joaquim Possidonio Narcizo da Silva.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Socio da Associação dos Architectos Civis Portuguezes.

Os socios que responderam aceitando tão honroso e util convite, foram, até á presente data, os ex.^{mos} srs.:

Conde de Samodães, encarregando-se da apreciação da *Sé de Guimarães*.

Ignacio de Vilhena Barbosa, encarregando-se da apreciação do *Convento da Batalha*.

Visconde de Azevedo, encarregando-se da apreciação de um dos antigos edificios da cidade do Porto.

Joaquim da Costa Cascaes, encarregando-se da apreciação do *Convento e palacio de Mafra*.

Marquez de Sousa Holstein, encarregando-se da apreciação do *Real palacio d'Ajuda*.

Paulo José Ferreira da Costa, encarregando-se da apreciação da *egreja de Nossa Senhora dos Martyres*.

Miguel Osorio Cabral de Castro, encarregando-se da apreciação da *egreja de Santa Cruz de Coimbra*.

Ernesto A. Possidonio da Silva, encarregando-se do *trabalho comparativo SOBRE OS SIGNAES que nos edificios da idade media se encontram sobre as cantarias dos edificios*.

Conde de Thomar, encarregando-se da apreciação do *Convento de Thomar*.

Emiliano Augusto de Bittencourt, encarregando-se da apreciação do *Hospital de S. José*.

Abade Antonio Damaso Sousa e Castro, encarregando-se da apreciação da *Sé de Lisboa*.

José Maria Caggiari, encarregando-se da apreciação da *egreja de S. Vicente de Fóra*.

João Maria Feijó, encarregando-se da apreciação do *Convento e igreja de Alcobaça*.

Joaquim Possidonio Narciso da Silva, encarregando-se da apreciação da *Sé de Coimbra*.

O EXCELLENTE JORNAL—*El Arte en España*—no seu ultimo numero 67, que foi publicado ultimamente, apresenta uma estampa muito curiosa sobre as salas do conde de Barcelona, apresentando uma fôrma angular que era usada no seculo XII na Hespanha. O estudo dos sélos é muito importante, não só para os conhecimentos diplomaticos, como ainda muito mais para averiguações archeologicas; e tambem de grande utilidade para os artistas afim de não commetterem anacronismos, representando os seus heroes com trages que nunca usaram, e armas que lhe eram inteiramente desconhecidas: portanto as publicações d'esta natureza se recommendam por si mesmo.

O DISTINCTO ARCHITECTO MR. MEIGS, dos Estados-Unidos da America, novamente presenteou a *Associação dos Architectos Portuguezes*, da qual este artista é socio honorario e correspondente, com um livro de bastante interesse, obra que faz muita honra a tão abalizado cavalheiro.

A DIRECÇÃO DO MUSEU DE KEURINGTON, vai comprar um grande terreno que lhe fica junto, para nelle edificar uma grande sala destinada a *centralizar as futuras exposições d'objectos de sciencia e arte*. A futura sala deve reproduzir o *Coliseo de Roma*, formando um amphitheatro oval, tendo o grande diametro cem pés.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DO PRESENTE NUMERO

O desenho da estampa 7.^a, representa a planta dos carcerees que haviam no edificio do palacio da INQUISICÃO, que formava um dos lados do Rocio em Lisboa, hoje praça de D. Pedro IV. A fachada B, é pertencente aos referidos carcerees; estes estavam situados dentro do edificio, que servia tambem de habitação ao INQUISIDOR GERAL; os quaes occupavam o terreno junto ao antigo jardim chamado do CORREGEDOR, e situados na direcção do sul ao norte.

Esta planta terrea, indica vinte e seis carcerees, que vinha a ser uma terça parte do numero total de setenta e oito, que estavam repartidos pelos tres andares da primeira prisão. Vê-se pela disposição da planta, que ficavam separados os carcerees da parede externa, com frente para um terreno, o qual servia de cemiterio aos infelizes que pereciam dentro da prisão; por um corredor M, que dava communicação com os mesmos carcerees, tendo essa parede janellas por onde elles recebiam a luz, mas foram collocadas desencontradas das frestas, que por cima das portas d'esses carcerees lhe davam uma escassa claridade, e quasi nenhuma ventilação; além d'isso a prisão era de abobeda e o piso ladrilhado. Havião aberto na parede e rente do chão, um pequeno vão, que servia para ter o pote com agua, quando não matavam á sede os infelizes que ali estavam a penar.

Duas portas, N, N', fechavam cada um destes carcerees, uma na face externa, era baixa e pouco larga, e a outra do feitio de grade de ferro, abria para dentro da prisão. A fresta O, imitando bandeira da porta, porém o seu rasgamento fechando em rampa, afim de evitar vêr-se para fóra, ia terminar em uma fenda na qual a cabeça não podia entrar, tendo na sua parte mais larga por cima da verga da porta, varões de ferro grossos e mui proximos para tornar inutil qualquer tentativa de fuga, e diminuir ainda mais a enfraquecida luz que recebia.

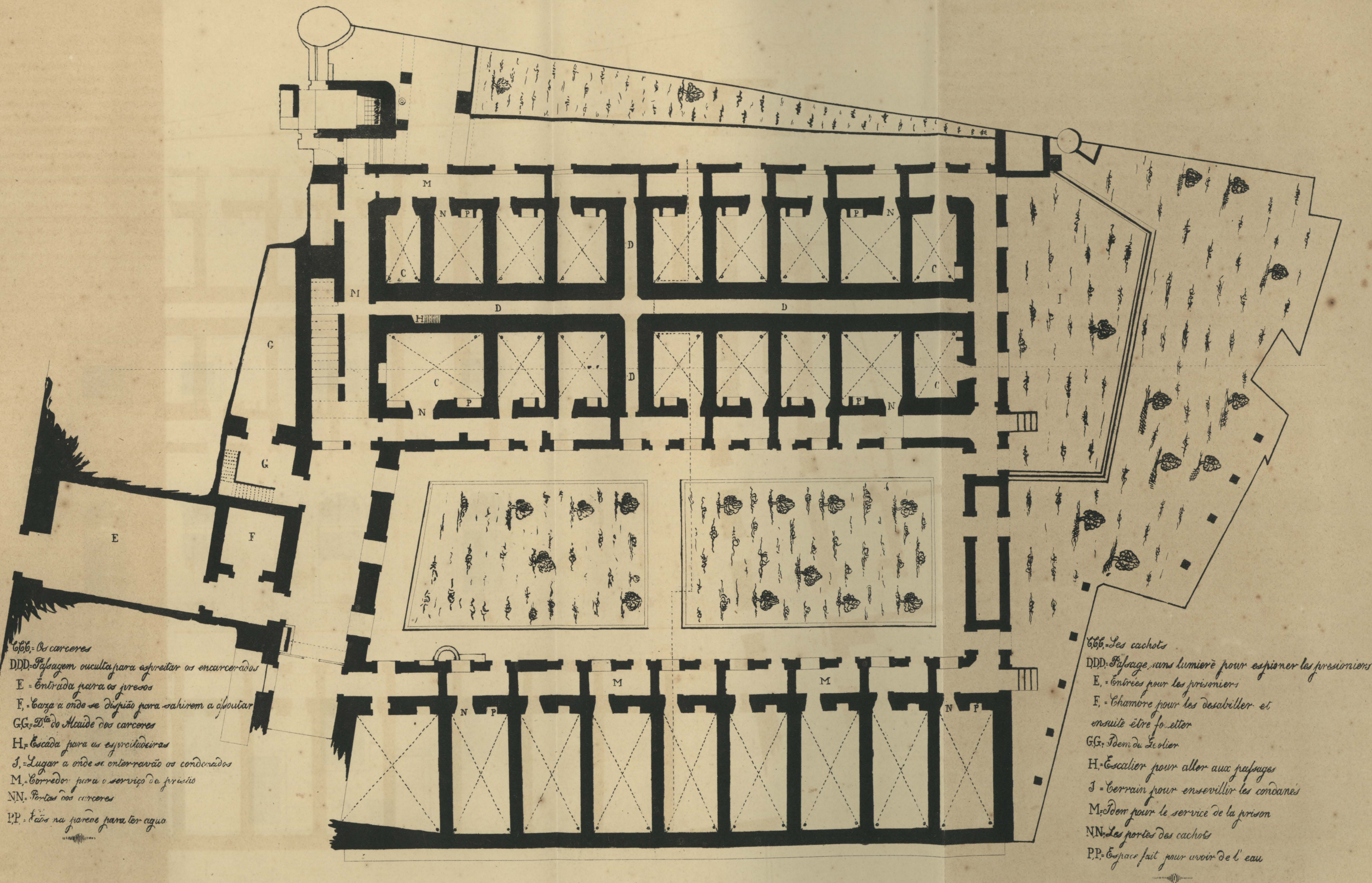
No cimo da abobeda, e collocado na parede que formava o fundo do carcere, havia uma pequena fenda, P, que servia de ESPREITADEIRA, para verem e ouvirem ás escondidas os gestos de desespero e os gemidos angustiosos das pobres victimas, que julgando-se sós, aliviavam os seus cruéis soffrimentos pelo desafogo dos padecimentos d'alma; porém essas vozes dos martyres, serviam-lhe para depois experimentarem mais tormentos, que na *tortura* lhe deviam ser applicados, por terem carpido as suas magoas. Um corredor mui estreito e escuro, D, era o caminho occulto que servia ao espião do *Santo-Officio*, para fazer a sua ronda, ficando unicamente os carcerees separados por este corredor, em altura tal, que nem se sentiam os passos, nem tão pouco se descobria o lugar do observador, pois que a escuridão produzida pela altura da abobeda a sua fugitiva claridade e a pintura de côres sombrias, com que de proposito **enfeitavam os carcerees**, tudo contribuia a occultar o lugar da **espreitadeira**, e produzir no animo do padecente ainda maior tormento na sua infeliz existencia.

O aspecto da fachada R, apresenta um **caracter sinistro**, que é devido tanto pela disposição singular na collocação das janellas e portas, dando-lhe essa apparencia estranha, a qual junto á dolorosa idéa do que significa aquelle edificio, tudo reunido contribue poderosamente para impressionar o espirito, e achar-se ainda mais horrorosa a apparencia d'aquella prisão, destinada a martyrisar com a mais atroz preversidade, a liberdade do pensamento!

Duvidamos que lhe quizessem dar de caso pensado aquelle caracter, mas a disposição que haviam procurado no rigor do encarceramento, deu em resultado aquelle **aspecto sinistro** tão caracterizado, que se não confunde com nenhum outro edificio que os homens levantassem para punir os crimes dos malvados, nem tão pouco n'esse se apresenta uma perspectiva tão repulsiva á vista pela sua medonha significação de terror!

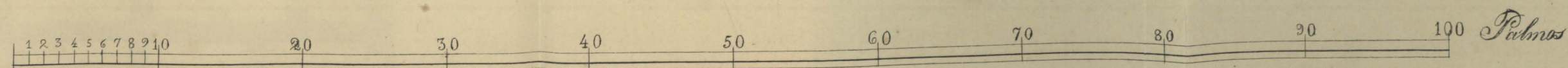
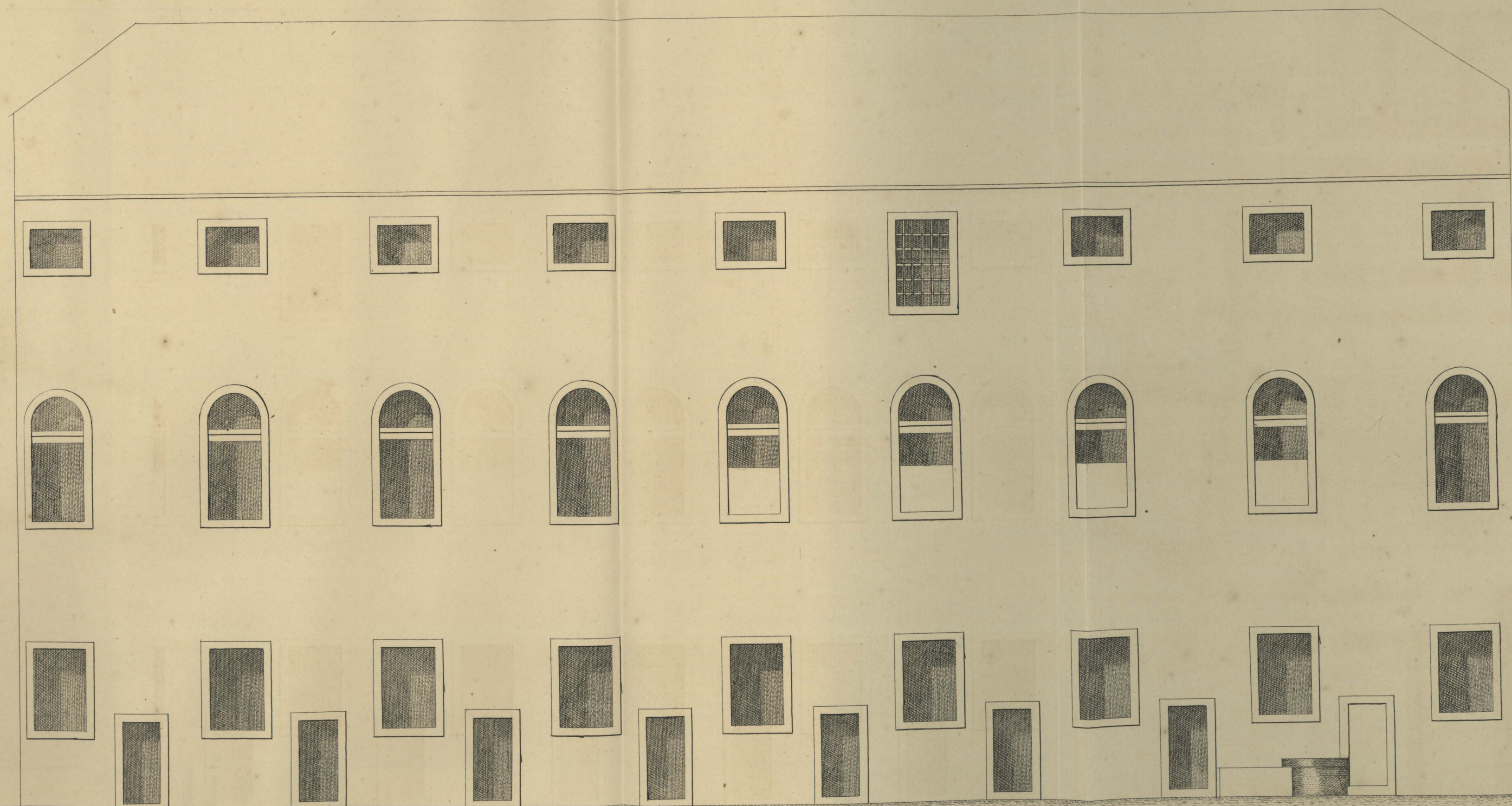
A estampa mostra o corte, que deixa vêr a distribuição e construcção interna, e a configuração dos carcerees S, S, S; os corredores T, T, que serviam aos espiões, bem como as **espreitadeiras**, V, V, V, que lhe facilitam o desempenho da sua **HONROSA E HUMANA OCCUPAÇÃO!**

Os outros carcerees que examinámos na casa que serviu de inquisição, e de que ainda parte existe em Coimbra, são dispostos pela mesma maneira, o que prova terem adoptado n'essas edificações o **primor** dellas, para mais eficazmente atormentarem os desventurados, que o odio e a vingança tinham denunciado áquelle execrando tribunal de fanatismo.



PLANTA DOS CARCERES DA EXTINTA INQUIZIÇÃO.
DE
LISBOA.

FACHADA DOS CARCERES DA EXTINGTA INQUISIÇÃO
DE
LISBOA



PLANO TERRÃO DO EDIFÍCIO DA EXTINGTA INQUISIÇÃO
DE LISBOA, E
PALACIO DO INQUISIDOR GERAL

Plan général du palais de l'Inquisition et
du Logement de l'Inquisiteur
Renvoi

aaa, Logement de l'Inquisiteur

bbb, Dom des officiers de l'Inquisition

c, Endroit où on donnait l'estrapade,

ddd, Dom où étaient placés les cachots.

zzz, Dom où se trouve à présent le théâtre de D. Maria 2.º

ddd, Espaço que era occupado pelas carceres

aaa, Habitação do Inquisidor

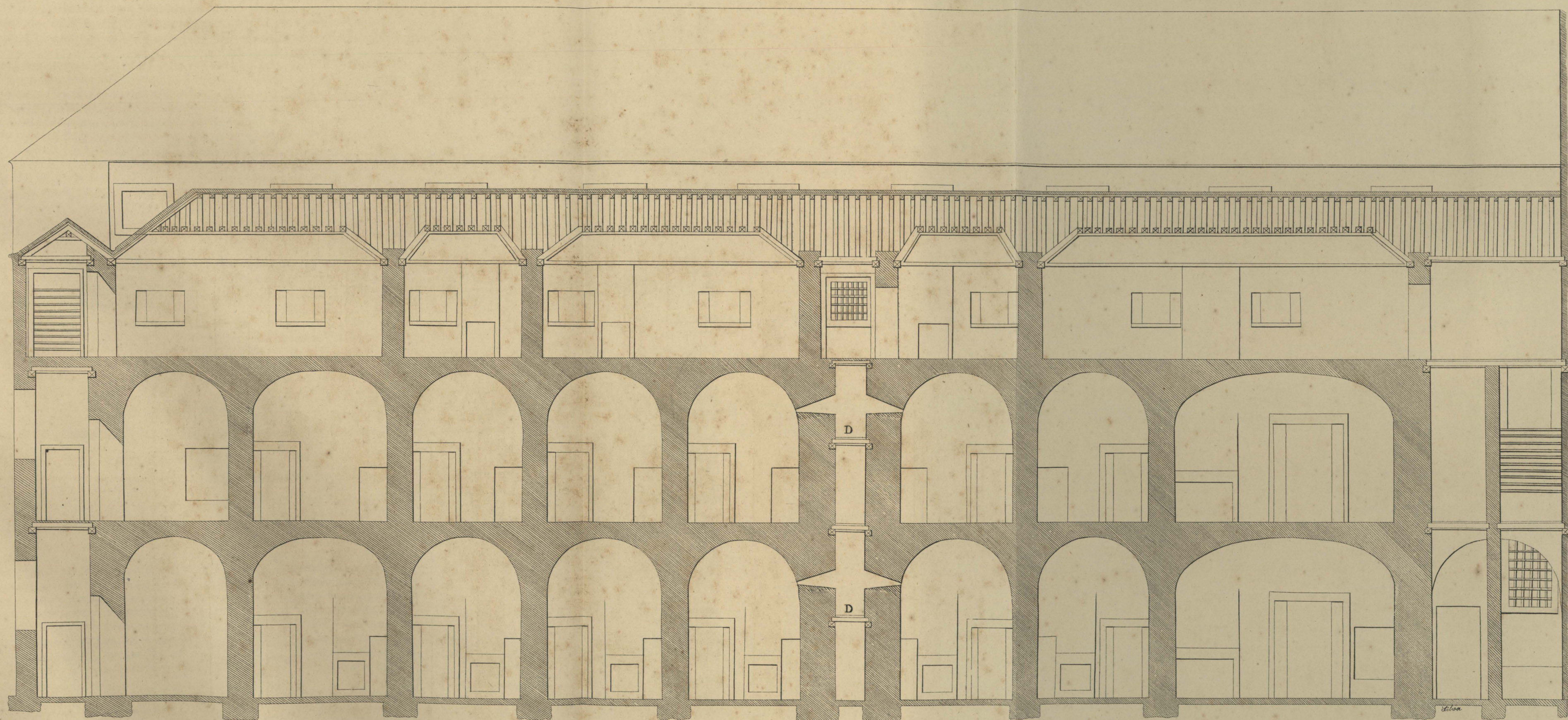
bbb, Dom dos Familiares da Inquisição

c, Lugar para dar tralhas de fôrça

zzz, Neste lugar está edificado o theatro nacional de D. Maria 2.º



CORTE LONGITUDINAL DOS CARCERES DA EXTINGTA INQUISIÇÃO
DE
LISBOA



5 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100 *Palmas*